

A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO NO COTIDIANO ESCOLAR

LUCIANO DANILLO DE FREITAS

Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de Mogi das Cruzes (2009); Enfermagem pela Universidade de Mogi das Cruzes (2013); Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (2019), Letra – Português pela Universidade Nove de Julho (2020); Especialista em Educação Especial em Deficiência Intelectual pela Faculdade Campos Eliseos (2016); Pedagogia Institucional pela Faculdade Casa Branca (2016), Docência do Ensino Superior e Tutoria de Educação à Distância pela Faculdade Batista de Minas Gerais (2020), Direito Educacional pela Faculdade Conectada Faconnect (2021); Coordenador Pedagógico na EMEI Valdir Azevedo, Professor de Ensino Fundamental II e Médio – Ciências na EMEF Professor Mailson Delane”.



RESUMO

A avaliação da aprendizagem deve fazer parte da rotina da sala de aula, sendo utilizada de forma contínua e processual, como um dos aspectos complementares do processo ensino e aprendizagem. Para a realização de uma avaliação que priorize a modalidade formativa, existe uma grande variedade de instrumentos avaliativos, sendo que devem ser selecionados visando os objetivos propostos. O presente trabalho tem por objetivo investigar quais as concepções de avaliação que permeiam o cotidiano escolar, assim como, analisar o papel da avaliação no dia a dia de uma escola; explicitar os diferentes entendimentos sobre a temática na visão de diferentes autores. Realizei a pesquisa da literatura bibliográfica sobre a temática estudada explicitando as concepções de diferentes autores sobre avaliação, utilizando. Apesar dos professores possuírem concepções inovadoras acerca da avaliação, sentem dificuldade de modificar sua postura em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação; Práticas; Escolar.

INTRODUÇÃO

O processo de avaliar é a prática pedagógica que menos motiva os professores e mais os aborrece. Ao mesmo tempo, para os alunos, a avaliação é a atividade mais temida e menos gratificante.

Para o âmbito científico podem surgir novas possibilidades de avaliação, onde professor e aluno possam trabalhar juntos para melhorar o processo de ensino aprendizagem, através de uma prática cotidiana reflexiva de acompanhamento do processo de construção do conhecimento escolar. Fazer da avaliação algo gratificante e não temido pela maioria. Avaliar para refletir, discutir, investigar e possibilitar transformações. Assim, perceber se o objetivo foi atingido, como função estimuladora e de incentivo ao estudo. O desenvolvimento do processo educativo deve ser acompanhado de uma avaliação constante.

A avaliação tem que ser um momento de aprendizagem que permita repensar e mudar a ação, um instrumento de comunicação que facilite a construção do conhecimento em sala de aula.

A avaliação no contexto escolar é uma prática educativa geradora de muitos conflitos e dificuldades, por conta da sua complexidade vista por todos os membros da escola. Ela se torna, na maioria das vezes, um desconforto tanto para os professores quanto para os alunos. Todavia avaliar é indispensável em qualquer proposta de educação, é imprescindível durante o processo educativo, caso contrário, não teria sentido o grande número de pesquisas e estudos sobre o tema. Levando em consideração que a avaliação é tão discutida nas escolas, gerando polêmica entre todos os atuantes.

A avaliação da aprendizagem escolar deve fazer parte da rotina da sala de aula, sendo utilizada periodicamente como um dos aspectos complementares do processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, reforça que ela não pode ser esporádica nem improvisada, mas, ao contrário, deve ser constante e planejada.

Sendo a avaliação da aprendizagem um componente indispensável do processo educativo, é fundamental que haja um acompanhamento do desenvolvimento do educando no processo de construção do seu conhecimento. Para isso, o professor precisa caminhar ao lado do aluno, durante todo o caminho de sua aprendizagem. Considerar que a avaliação da aprendizagem apresenta funções básicas de diagnosticar (investigar), controlar (acompanhar) e classificar (valorar). A avaliação da aprendizagem escolar é um tema bastante discutido entre todos os envolvidos da escola. Ela causa polêmica e desconforto entre professores, alunos e equipe pedagógica em geral, entretanto, é indispensável para o cotidiano escolar. A preocupação constante dos professores em relação à avaliação acontece, porque faz parte do trabalho docente verificar e julgar o rendimento dos alunos, avaliando os resultados do ensino (HAYDT, 2002 p.11-12).

O período de avaliação deixa as pessoas mais desacomodadas e, tanto alunos quanto professores, tensionados. Não é sem razão, pois, que avaliar pessoas e seus desempenhos implica, sempre, julgamento (PERNIGOTTI et al. 2000 p.54).

Para os alunos, avaliar é simplesmente fazer prova, tirar nota e passar de ano. Já para os professores, é visto na maioria das vezes, como uma questão burocrática. Ambos perdem nesse momento e descaracterizam a avaliação de seu significado básico de dinamização do processo de conhecimento, a avaliação da aprendizagem escolar auxilia o educador e o educando na sua viagem comum de crescimento. Existem professores que chegam às salas de aula e dizem que é dia de prova surpresa. Isso para os alunos é como se fosse um pesadelo, pois acham que não estão preparados e que não vão tirar uma boa nota. A avaliação torna-se um instrumento de ameaça e de castigo para o educando em vez de ajudar no processo ensino-aprendizagem, afirma que, o ato de avaliar não é um ato impositivo, mas sim um ato dialógico, amoroso e construtivo (LUCKESI, 2002 p.3).

A avaliação não pode ser instrumento de castigo para os alunos ou para preencher a aula, caso o professor não tenha preparado, deve fazer parte da rotina de sala de aula, deve ser planejada pelos professores como um dos aspectos integrantes do processo ensino-aprendizagem, a avalia-

ção da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos.

Avaliar não se restringe somente a fazer provas e aplicar trabalhos. Desde o momento que entra na sala de aula, o professor já faz uma avaliação ao olhar para os alunos, avalia a roupa que eles estão vestindo, o tipo que está o cabelo, a forma que se comunica com os colegas, etc. Também ao conversar com o aluno, o professor o avalia, nos seus gestos, na sua maneira de se comportar e pensar. A avaliação não acontece em um só momento, ela acontece o tempo todo. Temos que ver a avaliação como um aspecto integral do processo de ensino-aprendizagem e como parte essencial das tarefas que o docente executa em aula (QUINTANA, 2003 p.163).

A avaliação não deve se prender ao sistema: a nota. Por exemplo, se o aluno tira nota, ele passa de ano, se não tira, não passa de ano. A avaliação vai muito, além disso. Ela está dentro do processo ensino-aprendizagem, professores e alunos têm que trabalharem juntos. O professor tem aquela ideia: eu ensino, o aluno aprende e depois eu avalio no final. Na verdade, a avaliação tem que acontecer constantemente. Tem que ter um olhar reflexivo para observar o aluno. a nota é a necessidade para se manter a disciplina, obrigar a estudar toda a parafernália sem sentido e poderosa arma para favorecer ou impedir às pessoas subirem na vida. Se esses três elementos forem modificados, teremos outro tipo de escola (WERNECK, 2002 p.27).

Os profissionais da escola não devem utilizar a avaliação apenas como instrumento de classificação. A avaliação tem que servir para uma tomada de decisão quanto às providências a tomar rumo ao objetivo principal do processo ensino aprendizagem que é o crescimento e a aprendizagem do aluno (VASCONCELLOS, 2002 p.12).

A avaliação exercida apenas com a função de classificar alunos, não dá ênfase ao desenvolvimento e em nada auxilia o crescimento deles na aprendizagem. A função classificatória subtrai da prática da avaliação aquilo que lhe é constitutivo a obrigatoriedade da tomada de decisão quanto à ação, quando ela está avaliando uma ação (LUCKESI, 2002 p.3).

A avaliação assume uma dimensão mais abrangente. Ela não se reduz apenas a atribuir notas. As práticas avaliativas classificatórias fundam-se na competição e no individualismo, no poder, na arbitrariedade presentes nas relações entre professores e alunos, entre os alunos e entre os próprios professores (HOFFMANN, 1995 p.6).

Os alunos têm sua atenção centrada na promoção. O que predomina é a nota; não importa como elas foram obtidas nem por quais caminhos. São operadas e manipuladas como se nada tivessem a ver com o percurso ativo do processo de aprendizagem. Os pais das crianças e dos jovens, em geral, estão na expectativa das notas dos seus filhos. O importante é que tenham notas para serem aprovados (LUCKESI, 2002 p.6).

A atribuição de nota é vista como meio de controle do aluno para que ele realize as tarefas propostas pelo professor e mantenha-se disciplinado em sala de aula a nota passa a ser um fim e não apenas a representação do rendimento do aluno (SOUZA, 1997 p.12).

As notas se tornam a divindade adorada tanto pelo professor como pelos alunos. É a nota

que domina tudo; é em função dela que se vive na prática escolar (LUCKESI, p.3, 2002).

A atual prática da avaliação escolar tem estado contra a democratização do ensino, na medida em que não tem colaborado para a permanência do aluno na escola e a sua promoção qualitativa. A avaliação da aprendizagem existe propriamente para garantir a qualidade da aprendizagem do aluno. Ela tem a função de possibilitar uma qualificação da aprendizagem do educando. Observar bem que estamos falando de qualificação do educando e não de classificação. O modo de utilização classificatória da avaliação é um lúcido modo de fazer da avaliação do aluno um instrumento de ação contra a democratização do ensino, na medida em que ela não serve para auxiliar o avanço e crescimento do educando, mas sim para assegurar a sua estagnação, em termos de apropriação dos conhecimentos e habilidades mínimos necessários (LUCKESI, p.5, 2002).

A verificação dos resultados escolares não deve ser uma sentença, mas um diagnóstico que orienta a tarefa do professor. O sistema de verificação que consiste em comparar os alunos entre si, não só é profundamente injusto, como provoca hostilidades e desavenças, quebrando a desejável solidariedade que deve ser cultivada na juventude. Cada aluno deve ser comparado a si próprio, apenas. As comparações criam competição, ódio, inveja, desânimo. O atual processo de verificação do rendimento, se por um lado é instrumento precário de avaliação, por outro favorece a criação de perigosos hábitos e atitudes de desonestidade, fraude, de confiança no fator sorte e de memorização, desorganizando a vida intelectual do aluno e preparando-o para estender à vida de cidadão e de profissional os processos corrompidos aprendidos nos bancos escolares.

A prática classificatória da avaliação é antidemocrática, uma vez que não encaminha uma tomada de decisão para o avanço, para o crescimento. Não tem sentido a escola continuar usando a avaliação apenas como instrumento de classificação em detrimento de outras possibilidades mais lícitas como a de diagnóstico, por exemplo. O ser humano é uma totalidade afetiva, social, motora corporal e cognitiva. Todas essas dimensões devem ter igual importância na sua formação.

Uma avaliação acadêmica precisa considerar essa totalidade e não apenas o seu aspecto cognitivo, como habitualmente acontece na maioria dos processos avaliativos, em quase todo o nosso universo escolar. Aprender é um prazer inalienável do ser humano; não dá para ser negociado; não pode ter preço.

A ideia de que a avaliação é uma medida dos desempenhos dos alunos está solidamente enraizada na mente dos professores e, frequentemente, na dos alunos. Medir é o processo de quantificação de um atributo, segundo determinadas regras, enquanto que avaliar compreende a determinação do valor de alguma coisa, para certa destinação na avaliação vai-se além da medida. A diferenciação entre medida e avaliação gera duas considerações básicas a medida pode ser um passo inicial, necessário, às vezes bastante importante, mas não é uma condição essencial, nem suficiente, para que a avaliação da aprendizagem se concretize; para que a avaliação se concretize é necessário que se obtenha, através da coleta de dados quantitativos e qualitativos, um universo de informações que subsidiarão o julgamento de valor e a tomada de decisões.

Precisamos transformar o discurso avaliativo em mensagem que faça sentido, tanto para quem a emite quanto para aquele que a recebe. O objetivo primeiro é uma boa aprendizagem. A

avaliação deve tornar-se o momento e o meio de uma comunicação social clara e efetiva

Objetivo geral desse artigo foi investigar quais as concepções de avaliação que permeiam o cotidiano escolar. Objetivos específicos foram analisar o papel da avaliação no processo educacional da escola; explicitar os diferentes entendimentos sobre a temática na visão dos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cotidiano escolar permeiam diversos instrumentos avaliativos, não ficando restrito somente às provas. A diversidade de instrumentos é importante para se obter um melhor aproveitamento do processo ensino aprendizagem. Avaliar um educando implica, antes de tudo, acolhê-lo no seu ser e no seu modo de ser, como está, para, a partir daí, decidir o que fazer.

Para a grande maioria dos professores a avaliação adotada na disciplina é coerente com os objetivos propostos. A avaliação é feita dia a dia, através das atividades propostas por mim e realizada pelo aluno, pois o atendimento é individual com planejamento individualizado.

Participação das atividades em sala, como leituras de textos, pesquisas, produção e interpretação trabalhos individuais e em grupos, feitos em sala ou em casa e provas objetivas e dissertativas, são os mais utilizados. Participação do aluno em sala, textos escritos, produção e interpretação, tarefa, provas e trabalhos.

Avaliar é investigar para intervir. Para realizar essa tarefa, o professor poderá construir os mais variados instrumentos, com a condição de que eles sejam bem elaborados e adequados às suas finalidades. Porém na grande maioria das vezes a avaliação não é utilizada desta maneira, mas sim como punição.

A avaliação vem como consequência do aprendizado; um critério importante que auxilia na avaliação, que nem sempre a maior nota representa que o aluno sabe tudo, e se a nota for muito baixa, é preciso utilizar outras técnicas e instrumentos para avaliar; que a nota pouco representa para o professor, representando mais para os alunos e pais de alunos, que a vêem como um referencial; que representa a disciplina que o aluno tem em conquistar melhores objetivos e que a nota é dada a partir da produção do aluno. Para mim pouco representa, mas percebo que os alunos do ensino regular e os pais compreendem melhor o seu desempenho através da nota.

Ao longo do trabalho percebi o quanto é importante discutir sobre a avaliação e o quanto é significativo o seu uso dentro do sistema de ensino, para a melhoria do ensino aprendizagem. Sem uma avaliação de qualidade, centrada nos seus reais objetivos, não tem como saber o quanto o aluno progrediu ou regrediu em determinados conteúdos e quais conhecimentos que ele vai levar para a série seguinte.

A avaliação só faz sentido, se os seus resultados permitirem tanto aos alunos quanto aos professores, uma reflexão sobre os processos pedagógicos desenvolvidos. A nota é apenas uma convenção utilizada para comunicação com os alunos e seus pais e não deve ser o elemento principal da avaliação.

REFERÊNCIAS

HAYDT, Regina Celia Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, p.11-12, 2002.

HOFFMANN, J. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, p.16, 1995.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, p.3-9, 2002.

PERNIGOTTI, J. M. et al. **O portfólio pode muito mais do que uma prova**. Pátio, Rio Grande do Sul, n.12, p. 54-56, fev/mar. 2000.

QUINTANA, H. E. **O portfólio como estratégia para a avaliação**. In: BALLESTER, M. et al. Avaliação como apoio à aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, p.163, 2003.

SOUZA, S. Z. L. **A prática avaliativa na escola de 1º grau**. In: SOUZA, C. P. de. (org.) Avaliação do rendimento escolar. Campinas, SP: Papirus, p. 12-13, 1997.

VASCONCELLOS, M. M. M. **Avaliação e ética**. Londrina: Ed. UEL, p.12, 2002

WERNECK, H. **Prova, provão, camisa de força da educação: uma crítica aos sistemas de avaliação crivada de humor e propostas**. Petrópolis, RJ: Vozes, p.27, 2002.